



Folkcomunicação: a Cultura Popular na Cibercultura¹

Letícia Monteiro Rocha²

Resumo: A Folkcomunicação é uma Teoria conceituada por Luiz Beltrão em 1967 para tratar da comunicação popular produzidas por meios artesanais. O estudo foi ampliado posteriormente por Roberto Benjamim para incluir o processo de apropriação de elementos da cultura *folk* pela cultura de massa e pela cultura erudita (projeção do folclore), denominada por ele de Folkmídia. Recentemente, com a difusão dos meios tecnológicos e o aumento de possibilidades da comunicação em rede, o pesquisador Osvaldo Trigueiro lançou a Teoria da Folkcomunicação no mundo cibernético. Para Trigueiro, o Ativismo Midiático é um fenômeno caracterizado pela intermediação cognitiva entre produtores (ativistas) de cultura e consumidores (cultura *folk*). Desta forma, este artigo propõe uma reflexão sobre a cultura popular produzida por ativistas midiáticos *folk* no contexto da Cibercultura utilizando de métodos de pesquisa exploratória e levantamento bibliográfico.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Cultura Popular; Cibercultura.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Folkcomunicação "nasceu" em um período em que as pessoas tinham maneiras peculiares de se comunicarem. O acesso aos meios de comunicação de massa eram limitados, obrigando assim os indivíduos procurarem formas alternativas de obter a comunicação. Uma das estratégias encontradas foi a figura do líder de opinião, "um ator integrante do processo de formação e transformação da opinião pública e, como tal, o primeiro não deve ser compreendido de maneira autônoma da segunda." (CERVI, 2007, pág. 39). Foi principalmente por este meio que as camadas populares expressaram e manifestaram o seu papel social na sociedade.

¹ Artigo enviado na modalidade Comunicação Oral

² Graduado em Publicidade e Propaganda; Especialista em Administração de Marketing e Propaganda; Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: natasha_let@hotmail.com

Posteriormente, com o aumento do acesso das classes subalternas ao "mundo" da comunicação de massa, as mídias tiveram que se adaptar para buscar a audiência das mesmas. Um fato de grande relevância foi a apropriação da cultura popular pelos meios de comunicação de massa, fato que será inversamente visto na era digital (ciberespaço). Os ativistas midiáticos passarão a utilizar a internet como meio propagador da própria cultura, não se atendo apenas ao agendamento imposto pela mídia hegemônica.

Diante deste contexto, este artigo segue orientado primeiramente pela explanação sobre a Teoria da Folkcomunicação e os primeiros rumo ao *status* de Ciência; em seguida é demonstrado brevemente a vida e obra de Luiz Beltrão e as suas contribuições para a Teoria; no tópico seguinte é definida a cibercultura e o modo de atuação; e para finalizar é discutido o conceito de ativismo midiático e exemplificado por algumas produções atuais no país. Este artigo busca através dos métodos de pesquisas - exploratório e levantamento bibliográfico - evidenciar o papel do ativista midiático popular e as diversas produções e atuações na cibercultura.

2 A TEORIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Os estudos de Folkcomunicação iniciaram-se ainda no ano de 1959, pela curiosidade de Luiz Beltrão em compreender como ocorria a difusão de informações e a expressão da opinião pública no âmbito comunicacional, algo até então irrelevantes para a pesquisa dentro academia científica.

No prisma da comunicação, este estudo tinha como mote principal compreender a produção de conteúdo pela elite e a forma como eram transmitidas as mensagens pelos meios massivos com objetivo de atingir o povo. O ponto fundamental para iniciar a elaboração da pesquisa, foi justamente compreender o funcionamento dessa transmissão e se os intelectuais interessavam em saber do público alvo os interesses, a realidade e as necessidades que eles tinham.

Conforme Amphilo (2013, pág.984), Beltrão começou a solucionar estes problemas a partir dos estudos realizados nos meios de comunicação coletiva:

Os meios de comunicação que a ciência e a tecnologia lançam sucessivamente, buscando idealmente a integração dos sistemas,

esbarraram na realidade social contemporânea da oposição entre grupos organizados - que constituem o que se convencionou chamar de elite - que detêm o poder econômico, exercem a dominação cultural e o controle político, e os grupos não organizados, a massa - urbana ou rural - de baixa renda, excluída da cultura erudita e das atividades políticas. Os primeiros estão expostos, captam e decodificam as mensagens dos meios de comunicação massivos, todos grandes empreendimentos econômicos, de que são proprietários, patrocinadores e colaboradores conscientes; os últimos, não expostos ou apenas consumidores passivos de tais meios que, como o livro, exigem "alfabetização" para que suas mensagens sejam entendidas, inclusive em seu significado latente. Por isso, sem poder decisório, excluídos de uma participação ativa no processo civilizatório, em uma palavra, marginalizados.

Até este período, a comunicação acontecia de forma de difícil compreensão; não fluía em virtude da elite buscar um padrão incompatível com a realidade da maior parte da população brasileira (no período em questão, a taxa de analfabetismo era elevada). As variáveis determinantes para a falha de comunicação eram: o ruído (semântico ou técnico), a *doxa* (filtro com que percebemos o mundo), o *habitus* e o *modus vivendi*, e o contexto (de produção e recepção das mensagens, que podem ter seu sentido alterado em contextos diferentes). Essas variáveis ocasionavam na incompreensão da mensagem por parte do público (AMPHILO 2013, pág.985).

Percebe-se que o objetivo era a de vencer a "incomunicação" e desta forma compreender as mensagens que eram assimiladas pelas populações mais abastadas, ou conforme Beltrão, marginalizadas. É desta questão que surge a Teoria da Folkcomunicação, uma teoria funcionalista/difusionista, mas que dialoga proximamente do paradigma materialista/dialético, de cunho marxista.

3 LUIZ BELTRÃO

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986), jornalista, destacou-se na pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação. Foi pioneiro no tratamento do estudo das tradições populares, que definiram em linhas gerais, o ponto inicial para elaboração da tese em 1967 pela Universidade de Brasília, denominada por ele de Folkcomunicação (MELO, 2008).

Por Folkcomunicação Beltrão define em "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de

agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore"(BELTRÃO, 2014, pág. 70).

Luiz Beltrão foi responsável pela criação do primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, no ano de 1963, no qual as finalidades do Instituto destacavam-se: investigação científica da informação coletiva, referindo-se às áreas do Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas; treinamento e aperfeiçoamento de profissionais; difusão de estudos relacionados com as Ciências da Informação; estudos voltados para a formulação de uma Teoria Geral das Ciências da Informação e intercâmbio com outras entidades da mesma natureza sediadas no exterior. Criou também a primeira revista científica brasileira, denominada Comunicação e Problemas, em que tratava de temas relacionadas à comunicação. E finalmente, o primeiro doutor em Comunicação diplomado no Brasil, de onde despontou a tese tema do que viria a ser a Teoria da Folkcomunicação. (MELO, 2008).

O problema inicial levantado por Beltrão para elaboração da tese, estava condicionado na realidade econômica e política do Brasil naquele período, a década de 1960, em que questões como o entrave do desenvolvimento do país, de um lado a elite em um franco desenvolvimento e de outro a massa popular (os marginalizados) andavam em descompasso, causando obstáculos para os planos do progresso (AMPHILO, 2013, pág. 982).

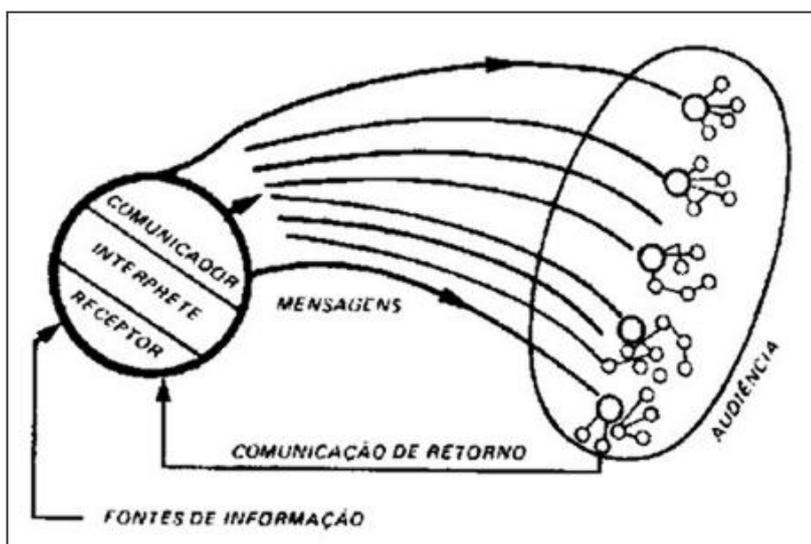
A constatação da realidade brasileira juntamente com a experiência vivida no campo comunicacional levaram Beltrão a formular as perguntas norteadoras da investigação sobre folkcomunicação. Pode-se afirmar que o pensamento inicial em pesquisar sobre a produção de conteúdo pela elite destinadas aos meios massivos foram o marco epistêmico da pesquisa (AMPHILO, 2013, pág. 983).

Como se informavam as populações rudes e tardas do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma - ou formas - atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e ideias algo em comum com o jornalismo, que passei a classificar de "ortodoxo"? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideias políticos e à mesma sobrevivência do homem brasileiro, como tipo social definido,

o alheamento em que nós, jornalistas, e os nossos governantes nos mantínhamos ante essa realidade enigmática, que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2014, pág. 66).

As bases teóricas que fundamentaram a teoria da Folkcomunicação podem ser consideradas em duas etapas: a primeira é a influência de dois pesquisadores brasileiros - os folcloristas Luís Câmara Cascudo e Edison de Souza Carneiro - o primeiro pesquisava sobre as manifestações da comunicação popular nordestina e o segundo tratava da "Dinâmica do Folclore", tese defendida pelo autor. A segunda influência, talvez a principal, foi a busca pelo aporte teórico na teoria de comunicação de massa dos norte-americanos Katz e Lazarsfeld, denominada de *two step flow of communication*, que visava refutar a ideia dominante da onipotência midiática (MELO, 2014, pág.13).

Beltrão lança-se a mão da Teoria de Comunicação das duas etapas realizadas por Katz e Lazarsfeld a partir de pesquisas eleitorais nos Estados Unidos e depois incluiu na sistematização do problema a Teoria da Comunicação em Múltiplas Etapas de Wilbur Schramm (tuba de Schramm). A seguir está o primeiro modelo de comunicação, que foi essencial para definir a área da pesquisa e reflexão teórica sobre a mesma.



Fonte: BENJAMIN, Roberto. ([201-?]).

Somente com a obra *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), Beltrão pode finalmente divulgar as ideias envolvendo a Teoria. Neste processo, o autor alterou algumas partes da tese, preenchendo algumas lacunas existentes e incluindo novas reflexões.

Nesta segunda etapa, o corpo teórico estava mais consolidado cientificamente, com a ajuda da formulação de um modelo de comunicação próprio para a Folkcomunicação. Podemos ver a seguir, no próximo quadro, as ideias de Katz, Lazarsfeld e Schramm formando o processo de comunicação que atua a Folkcomunicação.



Fonte: BENJAMIN, Roberto. ([201-?]).

O processo da Folkcomunicação inicia-se como a maioria dos modelos de comunicação - Emissor/Comunicador, depois o Canal/Mensagem/Meios de Comunicação de Massa e finaliza com o Receptor/Audiência/Líderes. No fim da primeira etapa da comunicação, aparece pela primeira vez o papel do líder de opinião, um agente responsável pela decodificação das mensagens que serão transmitidas para a audiência *folk*. Estes agentes utilizam-se de canais alternativos ou o chamado "boca a boca" para transmitir o que é de interesse deste público.

Com a morte prematura de Luiz Beltrão, em 1986, um campo não pode ser explorado em suas pesquisas - a internet. Quem assume e torna-se referência neste estudo a partir dos anos 2000 é o pesquisador Osvaldo Trigueiro. Trigueiro utiliza-se de conceitos da Folkcomunicação para atualizar a Teoria, denominando o líder de opinião em ativista midiático.

4 CIBERCULTURA

O processo evolutivo para se chegar ao que chamamos de cibercultura, iniciou-se ainda na década de 1980 com a comercialização dos computadores pessoais portáteis, ocasionando desta forma, em uma grande mudança no comportamento humano - de meros espectadores para usuários produtores de conteúdo (SANTAELLA, 2003).

Para a produção de conteúdo neste novo aparato e ambiente, o usuário adaptou-se à utilização das telas, bem como aprendeu a linguagem de cada meio. Se antes o usuário consumia de forma automática todo o material que lhe era oferecido, nesta nova realidade o processo tornou-se mais autônomo e de participação ativa (SANTAELLA, 2003).

Este caminho trilhado pelos meios de comunicação não aconteceu de uma hora para outra, houve um amadurecimento gradativo, primeiramente as grandes mídias - jornais, rádio e televisão e posteriormente o surgimento da internet. A internet, aliás, é considerada a rede das redes, pois ela amplia, modifica e transforma o *modus operandi* da comunicação e relacionamento humano no processo denominado interconexão do local com o global.

A Internet penetra em todos os domínios da vida social e os transforma. Assim é uma nova configuração, a sociedade em rede, que está em gestação em todo o planeta, ainda que sob formas muito diversas entre um ponto e outro e com efeitos muito diferentes sobre a vida das populações, devido à sua história, sua cultura, suas instituições. Como as mutações estruturais anteriores, essa reviravolta traz consigo tantas possibilidades quanto problemas novos. O resultado que daí surgirá é indeterminado: dependerá de uma dinâmica contraditória, da eterna luta entre os esforços sempre renovados para dominar, para explorar, e a defesa do direito de viver e de procurar dar um sentido à própria vida (CASTELLS *apud* RUDIGER, 2011, pág. 132)

Conforme Santaella (pág. 89, 2003) "uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de rede caracterizada pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam". As redes de computadores diferencia-se das redes de televisão no sentido do fluxo de sinal da geradora em relação aos receptores finais. Enquanto o sinal da televisão segue o fluxo unidirecional (fonte - destinatários do sinal), as redes formam um

emaranhado de ligações em que cada usuário poderá ser fontes ou receptores do conteúdo.

Os meios de comunicação e suas relações com vários contextos históricos, culturais e sociais latino-americanos, percebem a existência e a importância dos modos de comunicação vindos desses grupos populares que se espalham pelas redes cotidianas. Também percebem que as mensagens midiáticas, no percurso da emissão à audiência, são perpassadas por várias instâncias das redes de comunicação cotidiana onde são resignificadas. (TRIGUEIRO, 2008, p. 43).

Denomina-se a ligação entre os computadores e as redes de "ciberespaço" através da interface. A interface é visto como algo delimitador (barreira invisível) entre as partes físicas da máquina e a atividade desempenhada pelos usuários através da tela (SANTAELLA, 2003).

O ciberespaço conforme Pierre Lévy (1999), permite a combinação de vários modos de comunicação, como também a noção de comunicação através do mundo virtual compartilhado. A genealogia característica do ciberespaço deriva da teoria cibernética de Nobeert Wiener (1948) em que consistia em decrever uma nova ciência que une a teoria da comunicação com a teoria do controle (SANTAELLA, 2003, pág. 97).

Atualmente, denomina-se genericamente ciberespaço para se referir a um conjunto de tecnologias distintas, algumas conhecidas, outras que ainda estão sendo disponibilizadas gradativamente e por fim, aquelas que ainda não foram concluídas (SANTAELLA, 2003).

Depois desta análise da relação entre máquina e o ser humano, finalmente entramos no campo da cibercultura. Kerckhove *apud* Santaella (2003, pág. 104) é o resultado da multiplicação da massa pela velocidade.

Enquanto a televisão e o rádio nos trazem notícias e informação em massa de todo o mundo, as tecnologias sondadoras, como o telefone ou as redes de computadores, permitem-nos ir instantaneamente a qualquer ponto e interagir com esse ponto. Essa é a qualidade da profundidade, a possibilidade de tocar aquele ponto e ter um efeito demonstrável sobre ele através das nossas extensões eletrônicas. [...] Já não nos contentamos com superfícies. Estamos mesmo tentando penetrar o impenetrável: a tela do vídeo. [...] Expressão literal da cibercultura é a florescente indústria de máquinas de realidade virtual que nos permitem entrar na tela do vídeo e do computador e sondar a interminável profundidade da criatividade

humana na ciência, arte e tecnologia. (Kerckhove *apud* Santaella, 2003, pág. 104)

Na concepção de Lemos (2010, pág. 258) a cibercultura "potencializa uma de "fase mágica" da tecnologia - conexão generalizada, desmaterialização ubiquidade, telepresença, complexificando a noção de sociedade do espetáculo". No sentido de sociedade do espetáculo, a cibercultura vem para superá-lo, tirando a ideia de produção capitalismo industrial e tornando-a em uma atitude social. Essa atitude é demonstrada neste artigo ao discutir o ativismo midiático populares no ambiente da cibercultura.

5 OS ATIVISTAS MIDIÁTICOS POPULARES NA ERA DIGITAL

Na era da globalização um grande volume de informação e comunicação circulam velozmente em vários sentidos e distâncias. Neste processo evolutivo dos meios, o líder de opinião da Folkcomunicação concebido pelo fundador, perdeu a incumbência de recodificação e retransmissão para a audiência *folk*, mas adaptou-se ao mundo virtual tornando-se um agente social em rede. Este agente social opera justamente nas malhas das interações sociais servindo como denomina Trigueiro de "mediador ativista" (TRIGUEIRO, 2013).

[...] onde cada sujeito representa uma identidade sociocultural, que interage com outros diferentes grupos, mas com as mesmas aproximações socioculturais que reinventam os seus produtos de uso, ao invés de serem meros consumidores passivos das mensagens midiáticas. São as interações mediatizadas, nos vários níveis, dos sujeitos da audiência televisiva que geram os ativismos midiáticos, os avanços, as transformações e/ou renovações das culturas populares, quando incorporam os produtos midiáticos nas suas práticas cotidianas, ou se apropriam deles. (TRIGUEIRO, 2008, p. 21).

O mediador ativista da Folkcomunicação é um sujeito consciente do próprio papel na sociedade, capaz de ultrapassar barreiras para atingir o objetivo do qual se propôs. É um militante de causas próprias e da comunidade, ele organiza, planeja e participa das movimentações sociais, posicionando-se de acordo com a conveniência de cada caso.

O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local,

reconhecido como porta voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. (TRIGUEIRO, 2008, p. 48).

O ativista *folk* tem as seguintes características de acordo com a Teoria da Folkcomunicação (TRIGUEIRO, 2008):

- é um agente comunicador do sistema;
- tem privilégios no seu grupo de referência;
- tem maior acesso as outras fontes de informação;
- está sempre em contato com diferentes grupos com os quais mantém novos intercâmbios;
- atua como mediador ativista nas negociações da audiência das mensagens midiáticas que circulam nos vários estágios de difusão dos grupos sociais de referência do local interligados pelos sistemas interpessoais de comunicação.

No ambiente virtual, podemos encontrar produções de baixo investimento financeiro e que mostram o funcionamento da atuação do ativista midiático, como por exemplo: vídeos populares divulgados no Youtube (caso Mc Véia), site de divulgação de cordel - Poesia e Cordel (<https://poesiaecordel.wordpress.com/>), Páginas do Facebook sobre a doutrina espírita (Abadiania), orações online - Padre Marcelo Rossi (a vela virtual no site: <http://www.padremarcelorossi.com.br/>), Blog de ex-voto - Ex votos do Brasil (<http://ex-votosdobrasil.blogspot.com.br/>), Macumba Online ou Macumba Virtual (<http://macumbaonline.com/>), personagens satíricos que representam determinada cultura ou região do país (Suricate Seboso e Bode Gaiato), as extintas comunidades messiânica, políticos-ativistas e erótico pornográfico da extinta rede social Orkut, além de outras diversas exemplificações.

A Folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. (MELO, 2008, p. 25).

Portanto, a produção é crescente pelos ativistas midiáticos populares na era digital. Alguns fatores contribuíram para esta crescente, como: a popularização das lan houses em localidades com baixo índice de internet residencial, barateamento de dispositivos móveis (smartphones) para a produção de conteúdo e a própria melhoria da situação econômica e social (ascensão de classes) do povo brasileiro. O ciberespaço oferece um ambiente mais "igualitário" e cada usuário pode formar os próprios pares para juntos poderem procurar a própria cultura (do global para o local) em um ambiente infinitamente extenso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria da Folkcomunicação busca constantemente adaptar-se aos novos objetos de pesquisa. Neste caso, a internet é um novo campo de atuação para os pesquisadores.

Em um ambiente fértil, como é o meio digital, a Folkcomunicação tem explorado gradativamente, buscando conciliar as pesquisas realizadas com temas que já tem uma certa proximidade, mas ao mesmo tempo tentando abrir o "leque de opções" com o novo território de pesquisa.

A cibercultura auxiliou na ampliação e popularização da utilização da internet, como também das novas tecnologias de comunicação. Este acontecimento possibilitou que os usuários deste meio fossem instigados a interagir virtualmente entre pessoas do mesmo grupo, como expandir as relações com usuários de outras partes do planeta.

Os estudos em Folkcomunicação relacionada à cibercultura tem um grande caminho a percorrer. A cada instante a cultura popular se mistura ao ciberespaço tornando inevitável analisá-los juntamente nas pesquisas científicas.

7 REFERÊNCIAS

AMPHILO, M. I. Fundamentos epistemológicos da Folkcomunicação. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

- MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2014
- BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação: Difusão e Recriação das Idéias de Luiz Beltrão**,([201-?]). Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/portalluiz/secao/documentos.htm>> Acesso em 24 de Agosto de 2016.
- CERVI, Emerson Urizzi. Líder de Opinião. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.
- LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** - 5ª ed. - Porto Alegre: Sulina, 2010
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. - São Paulo: Ed. 34, 1999
- MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.
- RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura:** perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003
- TRIGUEIRO, Osvaldo M. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático.** João Pessoa: UFPB, 2008.
- TRIGUEIRO, O. M. Folk-Ativismo. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013